

## **DICIONÁRIOS DE FIGURAS E MITOS LITERÁRIOS DAS AMÉRICAS**

### **Exemplos de Verbetes**

#### **MEDÉIA**

##### **Apresentação**

Se os exemplos da aparição literária de um novo messias abundam nas literaturas das três Américas, vê-se igualmente emergir na pós-modernidade, sobretudo em narrativas femininas, mas não unicamente, a negação desse mito na medida em que um número considerável de autores re-escreve o mito de Medéia, a que estrangulou seus próprios filhos. Simbolicamente a reutilização desse mito remete à impossibilidade de renovação: abortos, infanticídio e crianças nati-mortas representam a falta de esperança na possibilidade de regeneração do mundo ao menos tal como ele se apresenta no universo romanescos. Tempo de desencantamento e de desespero onde os autores e personagens se recusam a gerar descendência em um mundo injusto e sem futuro. O gesto de matar as crianças representa uma reação contra o despotismo das regras de organização da sociedade elaboradas pelos homens.

##### **Histórico**

Ao reeditarem o mito de Medéia, na literatura da modernidade tardia, os autores avaliam sua ação não como um crime monstruoso – o infanticídio – mas como transgressão ao papel imposto à mulher que deveria ser submissa, obediente e silenciosa. Medéia, que não era grega e que vivia no exílio com seu marido Jasão, face ao ultraje que esse lhe impôs, obrigando-a a deixar o país para que ele pudesse casar-se com a jovem princesa, filha do rei de Corinto, decide vingar-se. A vingança é uma ação reconhecida entre os heróis trágicos que têm o dever de resgatar a honra ultrajada. Ela executa seu plano de vingança com determinação, inteligência e coragem, pois apela para seus atributos de feiticeira e ousa envenenar as roupas que ela oferecerá à noiva e a seu pai para usarem na festa de casamento, em um gesto de aparente reconciliação. Ambos morrem em meio a terríveis sofrimentos.

O mito de Medéia teve, em 431 a.C., uma primeira versão literária por Eurípedes que transpôs o mito para o teatro. O autor optou por reescrever o mito em que uma

mulher estrangeira – não grega, pois seria muita ousadia dele apresentar uma mulher grega executando tais ações – utiliza diferentes estratégias tais, como o conhecimento de ervas e venenos, bem como o domínio da palavra para criticar a condição de exclusão das mulheres na sociedade em que vivia. Medéia usará todos os seus conhecimentos para executar sua vingança, tentando impedir seu marido de realizar um casamento de interesse, abandonando-a e expulsando-a do país. As razões que levam autores contemporâneos a re-atualizar um mito tão antigo são as mesmas que levaram Eurípedes a transpor o mito e a inscrevê-lo como tema de uma tragédia: denunciar o poder arbitrário de uma sociedade patriarcal e mostrar que a restauração da honra poderia ser também prerrogativa de mulheres ultrajadas.

### **Campos de aplicação**

Na literatura brasileira será o romance *Lucíola*, de José de Alencar, cuja primeira edição é de 1862, que apresentará, por vez primeira, a figura do aborto. Na sociedade do Rio de Janeiro do século 19, Lúcia é uma cortesã que se apaixona por Paulo e decide deixar a vida que levava. Seu passado, contudo, não será esquecido pela sociedade que a exclui. A única saída encontrada pela heroína para purgar a mancha da prostituição será a de impor-se uma auto-punição que consiste em se deixar morrer e com ela o filho que traz em seu ventre. Ela se deixará morrer por causa deste filho fruto do amor carnal, proibido e condenado pela sociedade e por ela própria. A destruição de seu próprio corpo bem como o da criança será a única maneira encontrada pela personagem de transcender as contingências de seu passado e aceder à purificação. Ela viverá somente na memória de Paulo, seu amante e narrador do livro.

Em *Maíra* (1981), de Darcy Ribeiro, observamos a reedição do mito do natimorto. Segundo a cosmogonia Mairum, tribo da floresta amazônica, o estatuto da comunidade funda-se no nascimento de gêmeos que teriam a tarefa de recomeçar tudo do zero. Esses gêmeos seriam as crianças às quais Maíra (deus dos Mairum) daria origem através de relações sexuais com uma das mulheres da tribo. A comunidade esperava esse sinal como se esperasse a chegada do Messias. Será Alma, mulher branca que chega à comunidade mairum na qualidade de missionária e que teve relações sexuais com vários membros da tribo, que dará a luz aos gêmeos. Ela própria e os gêmeos morrem misteriosamente no momento do nascimento, sendo que este episódio é narrado no primeiro capítulo do livro, mesmo antes de Alma chegar à tribo. Será a polícia que

encontrará os três corpos e começará a investigação, o que coloca o livro sob a égide do pessimismo dessas mortes anunciadas.

A morte dos filhos gêmeos de Alma seria efetivamente de um pessimismo sombrio na medida em que corresponde à negação do mito cosmogônico de renovação como fora anunciado por Maíra: “Aí nasceriam outra vez os filhos gêmeos do senhor, para começar tudo de novo” (p. 258). O livro, contudo, deixa no leitor um sentimento que é o oposto do pessimismo, pois transmite uma teogonia cujo fundamento é a alegria de viver, o riso sendo o remédio para todos os males e o prazer sexual, fonte de beleza e não de pecado. Contraditoriamente, o romance que conta a história da morte de um deus “pois o mundo não tem salvação”, é ao mesmo tempo uma apologia da vida e da alegria de viver em harmonia com o corpo e a natureza. Trata-se de um elogio do *homo ludens* - que os europeus chegados ao Novo Mundo trataram de inferiorizar, hiper-valorizando o *homo faber* - e da importância do jogo como fenômeno cultural nas sociedades.

*Gota d'água, uma tragédia brasileira* (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes, é a re-escritura da tragédia de Eurípedes. É uma versão para um musical onde Medéia será transposta para o contexto das favelas do Rio de Janeiro. Medéia é uma história de reis e de feiticeiros; *Gota d'água* é uma história de desfavorecidos e de macumbeiros. Joana (Medéia) é uma mulher traída por seu marido Jasão que a expulsa do condomínio onde ela vive em companhia de seus filhos. Não aceitando o fato de ter sido expulsa da casa que ela comprara com a economia de seu duro trabalho de costureira, Joana repartirá com os filhos um bolo, realizando, assim, a vingança contra o marido que deixara-se cooptar por Creonte, proprietário todo-poderoso que utiliza seu poder para corromper Jasão. Durante a festa de casamento de Jasão com Alma, filha de Creonte, os corpos de Joana e de seus dois filhos são depositados aos pés dos noivos, cena que deixa a todos horrorizados.

No contexto da América Latina, Laura Esquivel publica *A lei do amor* (1995), romance híbrido, apresentado juntamente com um CD, que deve ser escutado durante a leitura, com uma série de ilustrações e até uma história em quadrinhos. O romance se desenvolve em diversas épocas: do período da colonização, com a presença de astecas e a chegada dos espanhóis, até 2200, misturando, portanto, memória histórica com ficção científica. O romance inicia na época da conquista e conta a história da jovem princesa mexicana Citlali que se tornara prisioneira dos espanhóis. A cada vez que percebia que estava grávida, ela abortava, pois não podia aceitar a idéia de dar à luz uma criança metade indígena (asteca) e metade espanhola. Ela não acreditava que pudesse abrigar

pacificamente duas naturezas tão distintas em seu ventre: seria como condenar seu filho a viver em meio a uma perpétua batalha. Para ela, deixar viver uma criança bastarda seria como colocá-la em meio a uma encruzilhada permanente e permitir que vivesse de modo indigno.

Ela irá também matar o filho que seu senhor espanhol, Rodrigo, teve com a esposa Isabel, deixando-o cair ao chão, crime pelo qual será condenada à morte. O livro tenta mostrar que a conquista não soube respeitar a lei do amor, instaurando a violência e a degradação. Ao final do romance, Isabel, em uma outra encarnação, finalmente se comprometerá a respeitar as leis do amor: é chegado o momento para as mulheres de dar à luz crianças, pois elas poderiam finalmente viver em um mundo que os receberia de braços abertos.

No âmbito das literaturas canadense e quebequense, dois bons exemplos podem ser apresentados: *Instruments des ténèbres* (1996), de Nancy Huston, e *Les enfants du sabbat* (1975), de Anne Hébert.

*Instruments des ténèbres* revela-se o romance mais emblemático no que diz respeito ao contra-mito do recém-nascido. Romance construído em duas épocas e com dois protagonistas: a jovem doméstica Barbe, que vive na França do século 17 e será acusada e condenada por feitiçaria; e a escritora nova-iorquina de cinquenta anos, divorciada, Nadia (Nad(i)a), cujas ações se passam no século 20. Nessa obra compósita, onde se mesclam duas vozes narrativas em dois tempos e espaços distintos (Europa e América), as personagens enfrentam a mesma problemática, a do aborto. Em uma hábil estratégia de *mise-en-abyme*, Nadia conta a história de Barbe, condenada pelo tribunal da inquisição por infanticídio. Essa personagem torna-se o duplo da escritora que se encontra justamente na impossibilidade de fazer o luto do filho abortado. No romance a procriação é percebida, segundo a análise de Nubia Hanciau, como um impedimento, como uma limitação, um acontecimento negativo. Contudo, a pesquisa sobre a vida de Barbe - violada por seu senhor e obrigada a esconder a gravidez até o momento do parto, quando ela não vê outra solução do que a de matar e enterrar seu filho no estábulo da fazenda onde é tida na condição de semi-escravidão - dá a Nadia o estímulo que precisava para prosseguir seu trabalho de escritora. Ao fazer as pesquisas sobre a vida de mulheres acusadas de feitiçaria, a escritora se liberta como artista e o ódio contra as injustiças motiva sua escritura e a obriga a enfrentar sua própria situação de mulher em pleno final do século 20.

No romance da mais conhecida das escritoras do Quebec, Anne Hébert, *Les enfants du sabbat*, a jovem Julie é enviada ao convento de pedra das freiras do Précieux Sang onde ela se tornará irmã Julie de la Trinité. As lembranças da sua infância e dos rituais aos quais ela havia assistido, assim como o desejo de se libertar da prisão do convento a levam a revoltar-se contra os rigores da vida monástica. O abade Flageole descobre no corpo de Julie, filha do diabo e de uma feiticeira, “provas” (o *punctum diabolicum*) da presença do mal. Depois de uma série de descrições dos rituais e de passagens de grande tensão e violência, Julie acaba por dar à luz uma criança; o abade, vendo nele a figuração do demônio, “ouvre largement la fenètre sur la nuit d’hiver. Il prend de la neige, à pleines mains, sur le rebord de la fenètre. Il en couvre l’enfant. Comme s’il voulait étendre le feu de l’enfer. [...] Un nouveau-né étouffé dans la neige” (Hébert, p. 187).

Para encerrar, apresento dois exemplos, um da literatura estadunidense e outro do Caribe francófono:

Toni Morrison (prêmio Nobel) publica, em 1989, *Beloved*, primeiro romance da trilogia composta por *Jazz* e *Paradise*. A personagem Sethe não hesitará em matar sua filha, Beloved, para evitar que ela viva sob regime de escravidão do qual ela e seus filhos eram fugitivos. Sethe viverá torturada pela perda da mãe - em consequência do sistema de *plantation* no qual os senhores tinham o direito de apropriar-se de seu leite para alimentar seus recém-nascidos - e sobretudo pelo infanticídio que cometera. Ela passa a existir, segundo a análise de Roland Walter, em um entre-dois: “in between the simultaneous necessity of her lost daughter and mother”(Walter, p. 222). Beloved voltará como um espírito (abiku ou zombi) e como um símbolo de todos aqueles que foram esquecidos ou mortos pelo sistema escravagista. Esta volta da filha morta como uma espécie de *revenant*, nos remete ao romance da escritora antilhana Maryse Condé: *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, publicado em 1986. Nesse romance, a filha que Tituba teve com Christopher, retorna após a morte para seguir sua mãe nas lutas de libertação de Barbados, ilha para a qual Tituba regressa após sua prisão em Salém (Estados Unidos) e sua posterior deportação. Engajada na luta pela libertação dos escravos de sua ilha natal, Tituba será finalmente condenada à morte por causa do duplo crime de insurreição e feitiçaria. Viverá, contudo, na memória de sua comunidade para onde ela voltará, depois de sua morte, sob diferentes formas, para continuar - como Makandal - a inspirar as lutas de libertação. A re-escritura da história esquecida de uma

mulher negra, escrava e reconhecida como feiticeira por Maryse Condé a transforma em mito de resistência e de luta contra a opressão no espaço do Caribe.

Os relatos dessas duas autoras retomam uma prática corrente do período escravagista onde as mães recusavam a vida a seus filhos para salvá-los dos sofrimentos da vida na condição de escravo. A decisão de impedir a vida de sua própria filha é dilacerante para Tituba que, na prisão, relembra os principais acontecimentos de sua vida:

Mystérieuse maternité! Pour la première fois, je me demandai si mon enfant, à qui j'ai refusé la vie, n'aurait pas malgré tout, donné à son existence saveur et signification (Condé, p.234).

Estamos diante de um destino dramático que as autoras contemporâneas quiseram destacar em seus romances para dar a dimensão trágica do percurso feminino através da História. E será apelando para essa memória longa e articulando essas passagens em narrativas ficcionais que será possível às autoras fazer, ao mesmo tempo, o luto dessa origem e reconstruir suas identidades.

### **Síntese crítica**

As mortes, os abortos, os infanticídios ou os casos de nati-mortos não significam necessariamente uma visão pessimista da história; significam uma revolta contra um contexto que exclui a mulher ou a relega a uma posição marginal, sem poder de decisão, reservando-lhe tão somente posições humilhantes e indignas.

A crítica literária contemporânea interessa-se cada vez mais pelo estudo da tendência de autoras mulheres em reverter a imagem da criminalidade e da maldade associada às mulheres ditas feiticeiras, fazendo valer sobretudo seu lado criativo. Ao invés de privilegiar as características de vítimas, histéricas ou loucas dessas personagens, as autoras fazem-nas emergir enquanto heroínas que praticam a feitiçaria investida de novos valores. Nubia Hanciau, em *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas* (2004), estuda em profundidade o aparecimento da figura das feiticeiras - que praticam o infanticídio sob diferentes formas - como personagens recorrentes nas literaturas francófonas das Américas. A autora desconstrói os estereótipos negativos associados à figura mítica da feiticeira e apresenta uma nova interpretação dessa personagem, vinculada agora à resistência, reabilitando sua imagem na posição de sujeito da história e de heroína ficcional.

As migrações americanas do mito de Medéia correspondem ao desencantamento dos autores face ao fracasso das utopias americanas que não cumpriram suas promessas (democracia racial, *melting pot*, raça cósmica, etc). A falência das utopias não impedirá os escritores de sonhar a América, de propor novas formas de reinventá-la e de vislumbrar maneiras de re-encantar o mundo, para retomar conceitos de Gérard Bouchard cujas reflexões sobre os imaginários coletivos das Américas constituíram o fundamento desse verbete.

### **Bibliografia literária**

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. 27 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BUARQUE, Chico & PONTES, Paulo. *Gota d'água*. (première édition 1975). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 34. édition.
- CONDÉ, Maryse. *Moi Tituba, sorcière noire de Salem*. Paris: Folio, 1993.
- ESQUIVEL, Laura. *A lei do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EURIPEDES. *Medéia*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- HÉBERT, Anne. *Les enfants du sabbat*. Paris: Seuil, 1975.
- HUSTON, Nancy. *Instruments des ténèbres*. Arles: Actes Sud, 1996.
- MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Signet, 1989.
- RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

### **Bibliografia teórico-crítica**

- BERND, Zilá (org.). *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BOUCHARD, Gérard. Des jeux et des nœuds de mémoire: la construction de la mémoire longue dans les nations du Nouveau Monde. *Miméo*, Chicoutimi, 3/nov/2004.
- \_\_\_\_\_. L'analyse pragmatique des figures et mythes des Amériques; proposition d'une démarche. *Chicoutimi*, 28/fév./2005.
- \_\_\_\_\_. Une définition du mythe. Doc. De recherche n. I-E-13, nov/2004.
- \_\_\_\_\_. Sur la structure et l'évolution des imaginaires collectifs: quelques propositions. *Chicoutimi*, sep./2002.
- \_\_\_\_\_. Un archémythe: le bâtard. *Chicoutimi*, mars 2005.
- \_\_\_\_\_. *Raison et contradiction: Le mythe au secours de la pensée*. Québec: Nota Bene/CEFAN, 2003.
- CANDIDO, Maria Regina. O saber mágico de Medéia. *Revista Mirabilia* 1, consultée à l'internet: [www.revistamirabilia.com/Numeros/Num1/medeia.html](http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num1/medeia.html) consulté le 10 février 2006.
- HANCIAU, Nubia. *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: Editora da FURG/ABECAN, 2004.
- MORENCY, Jean. *Le mythe américain dans les fictions d'Amérique*. Québec: Nuit Blanche, 1994.
- WALTER, Roland. Toni Morrisons's Doble Writing: Between Liminality, memory and Freedom. In: \_\_\_\_\_. *Narrative Identities; Intercultural In-betweenness in the Americas*. Berna: Peter Lang, 2003.

**Autora do verbete:** Zilá Bernd

**Ver também:** Recém-nascido; Feiticeira; Duplo (gêmeos); Bastardo; Diabo; Zombi; Revenant (?); Maroon.

**Equivalentes**

Espanhol: Medea

Francês : Médée

Inglês: Medea